

Caminhos da Nova Lingüística: Múltiplas Dimensões e Perspectivas

Tania M. G. Shepherd e Zinda Vasconcellos

Uma tendência que caracteriza a Lingüística atual é a continuada ampliação do seu domínio e temas de interesse. Isso, do ponto de vista da Lingüística Teórica, até pode ter um aspecto negativo, na medida em que torna difícil a delimitação do campo e do objeto da Lingüística. Mas, do ponto de vista da Lingüística Aplicada, é algo de enriquecedor, pelas oportunidades que abre de novos tipos de diálogo com outras disciplinas, outros tipos de aplicação e até mesmo outros tipos de práticas e de “intervenções” na realidade. Os pôsteres e artigos da Segunda Jornada de Estudos da Linguagem, aqui publicados, refletem essa tendência da Lingüística atual e as perspectivas que ela abre.

Uma das vertentes desses trabalhos é o enfoque da construção discursiva de identidades sociais. De acordo com Wodak et al. (1999: 28) identidade pode ser (auto) atribuída, individual ou coletiva e pode ser analisada através das crenças, opiniões, comportamentos e manifestações afetivas individuais ou coletivas, internalizadas no decorrer da socialização e geradas através do discurso. Além disso, assim como o ADN de um mesmo indivíduo pode relacioná-lo a vários conjuntos de características independentes, um mesmo indivíduo pode pertencer a vários sistemas de identidade.

O Funk carioca é certamente um sistema de identidades e foi o foco de três pôsteres apresentados no evento em 2005, agora traduzidos nos artigos de Jefferson Peixoto com Aldenise Austríaco, Andréia Ferreira da Silva com Giselle Santos de Araújo com Luciano Prado da Silva com Michele Barbosa. Os artigos tratam da construção de identidades sociais e têm como objeto de análise as letras desse gênero musical. Baseados no modelo tridimensional da Análise Crítica do Discurso, os trabalhos abordam os papéis feminino e masculino veiculados nessas letras, as quais apontam uma luta por uma hegemonia comportamental e sexual. Um dos trabalhos discute também as imagens paradoxais de amor romântico nelas contidas.

Um segundo trabalho sobre construção identitária é o de Débora Maciel Cabral. O trabalho de Débora poderia ser classificado de uma aplicação especial da Lingüística, visto que lida com a construção da identidade em texto de ficção, fazendo uso de instrumental conceitu-

al e analítico da Lingüística para caracterizar o discurso modalizado do narrador da história.

Talita Barreto, por sua vez, descreve a identidade auto-atribuída de professores de nível médio. Talita argumenta que esse professor constrói sua identidade por meio de uma oposição em relação a um outro professor, mais qualificado e a quem, hipoteticamente, são dadas melhores oportunidades e tratamento diferenciado.

Um outro trabalho sobre a construção discursiva da identidade é o de Liana Biar, que dialoga com as Ciências Políticas **ao** analisar os discursos de campanha de Fernando Collor, mostrando as estratégias retóricas com que o candidato buscou construir a sua imagem junto aos eleitores e ao mesmo tempo desqualificar a de seus opositores. A autora faz também um uso criativo da Sociolingüística Interacional, normalmente aplicadas à análise de interações espontâneas face a face, mostrando que conceitos como os de pistas de contextualização, pressuposição e inferência (Gumperz, 1988), ou os de face e de *self* (Goffman, 1980), também podem ser aplicados ao discurso escrito não espontâneo; em especial no caso dos discursos políticos, em que é essencial a forma como se constrói a imagem do enunciador e o “contrato” que ele faz, explícita ou implicitamente, com os seus potenciais eleitores.

Ainda na mesma vertente da construção discursiva das imagens sociais, o artigo de Beatriz Sánchez analisa como os jornais diários do Rio de Janeiro apresentam três tipos de crimes contra o patrimônio, o roubo, a fraude e o crime de colarinho branco, e seus protagonistas. Beatriz discute o conceito de violência em jogo nessas caracterizações. Através da análise do discurso relatado, Beatriz constata que os crimes e criminosos de colarinho branco recebem um tratamento ‘especial’ por parte da imprensa.

As novas tecnologias estão presentes neste volume de três maneiras distintas. Os trabalhos de Phaedra de Athayde e de Christiane de Alcântara embarcam por uma nova vereda chamada de Lingüística de *Corpus*, na qual o computador é usado para embasar análises corpora digitalizados de tamanhos diversos. Phaedra e Christiane utilizam um corpus de redações argumentativas de aprendizes de inglês brasileiros e o contrastam com um corpus semelhante composto de redações argumentativas produzidas por universitários ingleses. As autoras argumentam, com ampla evidência, que as escolhas feitas pelos aprendizes de inglês brasileiros apresentam um tendência de ‘overuse’ (uso excessivo) ou de ‘undersuse’ (uso insuficiente) de determinadas expressões lexicais. Um outro trabalho que aborda uma nova tecnologia é o de Daniel Silva. O autor analisa a organização textual da narrativa de um vídeo game popular americano e discute protocolos verbais colhidos de usuários/leitores desse vídeo game. O autor argumenta que há potencial nessa mídia como elemento didático na sala de au-

la de língua estrangeira. E por fim, temos o trabalho de Marco Antonio Gutierrez, que faz uma discussão alentada sobre as práticas discursivas do ciberespaço, ao examinar a pretensa 'escolha' que temos ao utilizarmos um mecanismo de busca na Internet. O autor argumenta que as mesmas buscas usando mecanismos distintos geram resultados diferentes, o que pode sugerir que esses mecanismos tenham modelos de comunidades discursivas distintas para quem direcionar seus resultados.

O discurso multimodal também é foco de dois trabalhos, o de Ana Paula Ramos e o de Nícia Tanaka. A partir do Sociocognitivismo, Ana Paula lança um olhar para um *corpus* de tirinhas brasileiras. A autora explora os processos de mesclagem, projeção entre domínios conceituais e esquemas imagéticos presentes nas tirinhas, e argumenta que por isso elas servem como eficiente instrumento pedagógico na aula de leitura em língua materna. O artigo de Nícia aborda os mangás, histórias em quadrinhos japonesas. Seu instrumental analítico e conceitual é retirado da Semântica Pragmática, corrente teórica que enfatiza o modo como o sucesso na interação depende não apenas do que é explicitamente dito, mas de pressupostos, implicaturas, atos de fala indiretos, e do contexto interacional de modo geral; também recorre a concepções da Semântica Cognitivista, em especial aos conceitos de metáforas cognitivas e de modelos cognitivos compartilhados. Os objetivos finais do trabalho de Nícia são a comunicação entre culturas quando do ensino de japonês como língua estrangeira para brasileiros.

As práticas discursivas do trabalho são discutidas em inúmeros artigos do volume, que ora analisam documentos usados como instrumento de trabalho, ora outros que versam sobre o trabalho, buscando estabelecer pautas que regulem seus modos de execução.

No primeiro grupo, temos o artigo de Luciana A. Freitas, que faz uma análise de programas turísticos, gênero do discurso que, de acordo com a investigação por ela realizada, é parte importante das atividades em língua espanhola dos agentes de turismo. Tendo os trabalhadores dessa área como objetivo final, a pesquisa de Luciana visa colaborar para a definição da carga programática e das atividades a serem desenvolvidas em cursos de Espanhol como segunda língua. A análise, fundamentada no conceito bakhtiniano de gêneros do discurso (2003), realiza uma caracterização geral desse gênero, especialmente da sua construção composicional e do seu principal elemento, o itinerário, tratando também das suas principais marcas lingüísticas.

Dois outros trabalhos, que se encaixam no segundo grupo acima descrito, enfocam o modo como determinadas instâncias sociais buscam substituir a ação estatal no setor da educação pública no que diz respeito à orientação do trabalho dos professores. Com um enfoque teórico centrado num possível diálogo entre os estudos do trabalho e a perspectiva discursiva,

Charlene Cidrini Ferreira analisa discursivamente dicas para professores oferecidas em sites da Internet não assinados por órgãos responsáveis pelas leis que regem a educação. Charlene argumenta que tais ‘dicas’ são na realidade prescrições abarcando pressões múltiplas, cujo objetivo final é regular a orientação da atividade do trabalhador. Ainda na interface das ‘dicas’ para o trabalhador da educação, Cristina Pimentel utiliza o “arsenal teórico” da Análise do Discurso de base enunciativa para investigar o perfil de professor apresentado — ou incentivado? — pelos PCN Fáceis de Entender, publicação da Revista Nova, da Editora Abril. A publicação apresenta como um facilitador da compreensão dos Parâmetros Curriculares Nacionais relativos à Língua Portuguesa do MEC. Os resultados de Cristina apontam para a construção discursiva de um professor de Língua Portuguesa desqualificado para entender e intervir criticamente nas propostas apresentadas pelo documento do MEC, que deveria ser portanto “tutelado” por publicações “bem intencionadas” que poderiam guiá-lo “melhor”.

Já Cristina Giorgi e Rafael Lazaro se centraram no perfil de professor desejado pelos órgãos oficiais. Cristina analisa especificamente o perfil-alvo do professor de espanhol como língua estrangeira que trabalha no serviço público através do sistema de gêneros textuais que compõem o acesso desse profissional ao magistério público através de concurso. Cristina discute as provas de concurso, mas também os editais que as precedem, fazendo interessantes comparações com os perfis do profissional de língua inglesa delineado em documentos semelhantes. Já Rafael reflete sobre o espaço reservado para a leitura em língua estrangeira dentro de dois documentos oficiais: os Parâmetros Curriculares Nacionais, do MEC, vulgarmente conhecidos como PCN, e o Multieducação, da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro. Ele compara os dois documentos, especialmente no que diz respeito à existência neles, ou não, de uma orientação metodológica para o trabalho docente, chegando à conclusão de que, na realidade, apesar de serem dois documentos oficiais distintos, as concepções de ambos não são muito diferentes, mas que os PCN seriam mais abrangentes e detalhados.

Um último trabalho ainda sobre o exercício da profissão de professor é o de Bruno Deusdará e Décio Rocha, que fazem reflexões sobre a construção discursiva de imagens sobre o trabalho docente na sala de professores de uma escola pública do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo que tecem comentários de substância sobre a coleta de um corpus que reflita as observações empíricas feitas sobre essa mesma sala de professores.

Os artigos de Renata Vieira e de Priscila Starovsky nos permitem ver a contribuição que concepções lingüísticas podem trazer para dois diferentes tipos de práticas da Fonoaudiologia. Renata versa sobre as dificuldades ortográficas encontradas pelos alunos das segunda à quinta séries do primeiro grau de um CIEP do Rio de Janeiro, no qual ela exerce a função de

fonoaudióloga. A autora descreve professoras angustiadas com o expressivo número de erros ortográficos cometidos por esses alunos, recorrendo à fonoaudióloga em busca de salvação. Em seu trabalho, Renata argumenta que as maiores dificuldades apresentadas por esse alunos se dão pela influência da oralidade na escrita, e não por reais problemas de ordem fonoaudiológica. Como resultado desta constatação, Renata propõe prestar um serviço de assessoria para as professoras, na tentativa de ajudá-las a desenvolver atividades pedagógicas capazes de reverter as dificuldades encontradas pelos alunos. O artigo de Renata representa a fase inicial desse trabalho, fase em que ela busca sobretudo fazer um “diagnóstico” da situação e mostra para a equipe pedagógica do CIEP quais as reais dificuldades do alunado, e suas prováveis causas. Mas o conteúdo que ele apresenta já foi suficiente para oferecer às professoras uma “luz no fim do túnel”, mostrando que essas dificuldades, que tanto as assustavam, podem ser interpretadas como sintomas de que os alunos estariam, na realidade, ousando mais, escrevendo palavras ainda “não dadas” na escola, ou na cartilha, e portanto baseando-se na própria fala para orientar a escrita.

O trabalho de Priscila Starovsky já trata da prática da Fonoterapia. Ele se baseia, do ponto de vista teórico, na Sociolinguística Interacional, da qual Priscila usa sobretudo os conceitos de enquadre e de *footing*, e do ponto de vista metodológico, na micro-análise etnográfica e na pesquisa-ação. Ela observa de “dentro” a interação de uma criança surda com sua terapeuta (a própria pesquisadora) em situações de jogos, procurando ver como seu pequeno paciente desenvolve as habilidades interacionais em segunda língua — no caso Português — especialmente no que toca à capacidade de se adequar a enquadres e papéis, e de mudá-los, conforme necessário. Essencial no trabalho de Priscila é também a reflexão sobre o papel de brincadeiras e jogos na aquisição não só da linguagem, mas também na de rituais e papéis sociais em geral, bem como no desenvolvimento, pela criança, da capacidade de ativar esquemas de conhecimentos e de reformulá-los, de construir sentido através da interação.

Já o trabalho de Renê Foster nos permite sentir a importância dos trabalhos de extensão universitários, e como a Linguística pode fundamentar uma intervenção ativa na sociedade. Renê nos apresenta uma das cartilhas desenvolvidas pelo Programa Surdez que funciona na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) vinculado do Departamento de Estudos da Linguagem, de que ele participa, a que leva o título de Desfazendo Mitos e Mentiras Sobre Línguas de Sinais e sobretudo as motivações que levaram à confecção desse material. Trata-se de um folheto com informações sobre a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e as línguas de sinais em geral, que se propõe especialmente a desfazer as idéias falsas e os preconceitos infelizmente ainda presentes na sociedade brasileira sobre esse tipo de línguas, entre eles a idéia

de que não se trataria propriamente de línguas, mas de meros gestos imitativos. O problema desses mitos é que a aquisição da linguagem tem um “prazo certo” para ocorrer: depois de certa idade, a mente não é mais capaz de adquirir a língua com a mesma eficiência do que quando na primeira infância; e a falta da linguagem, ou o atraso na sua aquisição, pode provocar outros problemas no desenvolvimento cognitivo das crianças. Uma criança surda que tenha uma língua de sinais pode vir mais tarde a aprender outra língua, mesmo uma língua oral, com ajuda de uma fonoaudióloga. Mas, não ouvindo, ela não tem condições de adquirir espontaneamente uma língua oral, e mesmo com ajuda não conseguiria fazê-lo “em tempo hábil” para evitar os problemas acima referidos. Os mitos são nocivos não só porque são falsos e preconceituosos, mas sobretudo porque podem levar as pessoas responsáveis por crianças surdas, que devem propiciar os instrumentos de que elas necessitam para começar a se desenvolver lingüísticamente, a desconsiderar a importância do aprendizado de uma língua de sinais elas. Por exemplo, mostrar que as línguas de sinais não são um tipo de mímica é importante porque um surdo não aprende a falar uma língua de sinais, como a LIBRAS, fazendo mímicas, ele deve estar em contato com uma comunidade de falantes dessa língua para que possa aprendê-la.

Mas que não se diga que os trabalhos apresentados no JEL II não trataram também de uma Lingüística ‘da Língua’!

O trabalho de Clara Villarinho retoma a velha questão de ser ou não o Português Brasileiro (PB) uma nova língua, diferente do Português Europeu (PE), ou apenas uma variante dialetal do PE, dentro da tradição dos estudiosos que procuraram responder a essa questão com base Teoria dos Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981), e encontraram um nível de distanciamento entre o PB e o PE no chamado Parâmetro do Sujeito Nulo, que distingue entre: Línguas de Sujeito Pleno, que exigem que a posição estrutural de sujeito seja sempre “preenchida” por uma expressão foneticamente pronunciada, e Línguas de Sujeito Nulo, como o PE, que, sob determinadas condições de licenciamento, permitem que essa posição sintática fique aparentemente não preenchida (mas que, em termos da Teoria Gerativa, estaria preenchida por um elemento foneticamente nulo, uma categoria vazia). Clara se reporta em especial aos estudos de Duarte (1993 e 1995) e Figueiredo Silva (1996), que apresentam hipóteses explicativas diferentes a respeito dos sujeitos nulos ainda existentes no PB: Duarte (1995) considera que a gramática do PB encontra-se em um processo de mudança, sendo os sujeitos nulos ainda existentes instâncias da categoria vazia pro (o mesmo tipo de categoria vazia existente no PE, que é licenciada pela desinência verbal), a qual estaria desaparecendo; já Figuei-

redo Silva acredita que o PB já possui uma gramática estável, pois os sujeitos nulos que existem nele seriam categorias vazias de outro tipo, var(iável), que seriam características de um outro tipo de línguas, como por ex. o Chinês, que apresentam sujeitos nulos, mas os licenciam através de outros mecanismos que não as desinências verbais; nessas línguas os sujeitos nulos ocorreriam em maior quantidade, e em contextos menos restritos, que na hipótese defendida por Duarte. É nesse ponto que se insere a pesquisa de Clara. Ela buscou verificar qual das dessas duas hipóteses teóricas era mais adequada para explicar os usos de sujeito nulo no PB, coisa não muito simples de se fazer, pois são poucas as estruturas lingüísticas a respeito das quais as duas hipóteses fazem previsões diferentes, e essas estruturas seriam dificilmente encontradas nos corpora tradicionalmente usados em estudos lingüísticos, dado serem usadas principalmente no discurso informal oral. Clara, porém, saiu-se bem dessa dificuldade, através do uso de de experimentos controlados. Seus resultados favoreceram a hipótese de Figueiredo Silva (1996), que considera que as categorias vazias no PB sejam do tipo var, licenciadas pelo contexto. Isso implicaria dizer que o PB já teria passado por uma mudança paramétrica, não necessariamente no Parâmetro do Sujeito Nulo, mas com relação aos mecanismos de licenciamento de sujeitos nulos, que deixaram de ser condicionados pelas desinências verbais e passaram a depender da informação fornecida pelo contexto.

Esses são, portanto, os trabalhos contidos no presente volume, um segundo volume que aponta para múltiplas dimensões de Lingüística e inúmeras perspectivas. Isto tudo porque a linguagem, o objeto da Lingüística, é como um jogo de futebol, para usar uma metáfora bem conhecida. Pode-se assistir ao jogo de qualquer parte do campo. O jogo será sempre o mesmo. No entanto, os relatos do jogo e possíveis interpretações serão sempre diretamente afetados pela posição que se ocupa dentro desse mesmo campo.